



X Congresso Português de Sociologia
*Na era da "pós-verdade"? Esfera pública,
cidadania e qualidade da democracia no
Portugal contemporâneo*
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática / ThematicSection/Area: ST Sociologia das Emoções

Retratos do Brasil: as interpretações clássicas e suas contribuições ao campo da sociologia das emoções

Portraits of Brazil: the classical interpretations and their contributions to sociology of emotions

SOUZA, Márcio Ferreira de. Professor Associado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

GONÇALVES, Mariana. Graduanda em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Resumo

Visando a articulação entre a sociologia das emoções e o pensamento social brasileiro, pretendemos realizar uma reflexão acerca da produção sociológica sobre as emoções como fatores presentes em consagradas interpretações sobre o Brasil. Neste sentido, nossa proposta tem como foco central a análise de construções interpretativas sobre a formação da nacionalidade e do contexto cultural, calcada nas esferas das emoções e dos sentimentos. Determinados esforços de teorizações sobre o Brasil se valeram de perspectivas que consideram as emoções e os sentimentos como relevantes para a compreensão da nossa própria formação, desde o início do processo da colonização portuguesa. As interpretações do Brasil, nas décadas de 1920 e 1930, trazem esta marca estendendo-se para as décadas posteriores, nas quais emergem outras reflexões que ressaltaram as emoções como pano fundo. Os textos que servirão de base para nossa análise são: (a) Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira (1928), de Paulo Prado; (b) "Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil" [Casa-grande & senzala, 1933; Sobrados e mucambos, 1936 e Ordem e Progresso, 1959], de Gilberto Freyre; (c) Raízes do Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Holanda; e (d) Lutas de Famílias no Brasil (1947), de Luiz de Aguiar Costa Pinto. Por fim, cabe lembrar que certos (as) estudiosos (as) sobre as relações raciais no Brasil, se interessaram pelos efeitos sociológicos da construção da negritude em seu viés emocional mediante a orientação – ou falta dela – nas relações familiares e com relação à ancestralidade. Destarte, incluiremos na análise autores de identidade negra como Guerreiro Ramos e Virgínia Leone Bicudo, que estiveram atentos a questões que dizem respeito à negritude no Brasil e aos processos de alienação estética do negro e da negra (RAMOS, 1955) e para as estruturas emocionais relacionadas à negritude identificadas em atitudes sociais da população negra (BICUDO, 1945), que são constituídas primordialmente com base nas relações familiares do Brasil.

Palavras-chave: Pensamento social brasileiro, Sociologia das emoções, Interpretações do Brasil, Relações raciais.

Abstract

We intend to reflect on the sociology of emotions as an element present in consecrated interpretations about Brazil. In this sense, our proposal is focused on analysis of interpretations on the formation of nationality and the cultural context, based on spheres of emotions and feelings. Efforts of theorizations about Brazil have used perspectives that consider emotions and feelings as relevant to understanding the formation of national identity, since the beginning of the process of Portuguese colonization. The interpretations about Brazil in the 1920s and 1930s are exemplary in this sense, and in the following decades new approaches have also emerged that emphasized emotions as a backdrop. The works used for our analysis are: (a) Portrait of Brazil: An Essay on Brazilian Sadness (Paulo Prado, 1928); (b) Gilberto Freyre's trilogy: The Masters and the Slaves (Casa-Grande & Senzala): A Study in the Development of Brazilian Civilization (1933), The Mansions and the Shanties [Sobrados E Mucambos]: The Making of Modern Brazil (1936), and Order and Progress: Brazil from monarchy to republic (1959); (c) Roots of Brazil (Sérgio Buarque de Holanda, 1936); (d) Lutas de família no Brasil (Family Struggles in Brazil, by Luiz Aguiar Costa Pinto, 1947). It must also be remembered that some scholars on racial relations in Brazil were interested in the sociological effects of blackness's construction in its emotional bias through the orientation - or lack thereof - in family relations and in relation to ancestry. Thus, we will include black identity authors such as Guerreiro Ramos and Virgínia Leone Bicudo, who reflected on blackness in Brazil and the processes of black womens and men aesthetic alienation (RAMOS, 1955) and, also, about the emotional structures related to blackness identified in social attitudes (BICUDO, 1945), which are constituted primarily in the family relations of Brazil.

Keywords: Brazilian social thought, Sociology of emotions, Interpretations of Brazil, racial relations.

Introdução

Com o intuito de estabelecer articulações entre a sociologia das emoções e o pensamento social no Brasil, buscamos desenvolver uma reflexão sociológica acerca das emoções como fatores presentes em algumas das interpretações sobre a formação da nacionalidade ou, nos termos de Dante Moreira Leite (1954), do “caráter nacional brasileiro”. Nossa proposta, neste sentido, tem como fundamento básico se pautar em construções interpretativas sobre a formação da nacionalidade e do contexto cultural considerando, primordialmente, as esferas das emoções e dos sentimentos como recorte analítico. Determinados esforços de teorizações gerais sobre o Brasil levaram em conta as emoções e os sentimentos como elementos relevantes para a compreensão da nossa própria formação, desde o início do processo da colonização portuguesa a partir do século XVI. Certas interpretações sobre o Brasil que se destacaram nos anos de 1920 e 1930 apresentam tal indício, estendendo-se para as décadas posteriores, nas quais emergem outras abordagens que assinalam as emoções como pano fundo.

As interpretações que servirão como eixos para nossa análise são: (a) Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira (1928), de Paulo Prado; (b) Casa-grande & senzala (1933), Sobrados e mucambos (1936) e Ordem e Progresso (1959), de Gilberto Freyre, trilogia que compõe a “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”; (c) Raízes do Brasil (1936), de Sérgio Buarque de Holanda; e (d) Lutas de Famílias no Brasil (1947), de Luiz de Aguiar Costa Pinto. Cabe-nos atentar, também, para o fato de que certos estudiosos sobre as relações raciais no Brasil se interessaram pelos efeitos sociológicos da construção da negritude em seu viés emocional mediante a orientação – ou falta dela – nas relações familiares e com relação à ancestralidade. Destarte, incluiremos autores de identidade negra como Guerreiro Ramos e Virgínia Leone Bicudo, que estiveram atentos a questões que dizem respeito à negritude no Brasil e aos processos de alienação estética do negro e da negra (RAMOS, 1955) e para as estruturas emocionais relacionadas à negritude identificadas em atitudes sociais da população negra (BICUDO, 1945), que são constituídas primordialmente com base nas relações familiares do Brasil¹.

Para além do aspecto meramente descritivo buscamos verificar a existência de diálogos com tais interpretações do Brasil, por meio da literatura contemporânea sobre a sociologia das emoções, tendo em vista que a formação de um campo mais autônomo da sociologia das emoções vem se constituindo mais recentemente. Desse modo, as obras elencadas são compreendidas, em nosso ponto de vista, como interpretações que trazem contribuições para as ciências sociais das emoções, o que nos possibilita uma leitura sobre

o impacto de tal categoria – as emoções – para o próprio entendimento do processo de constituição da identidade nacional e de como é possível refletir sobre o Brasil contemporâneo e sua fragilidade democrática tendo as emoções como categoria de análise.

As emoções são entendidas para além de um fenômeno exclusivamente biológico. Interessa às ciências sociais, portanto, analisá-las de modo a considerar seu tratamento entre classes sociais, gerações e outros agrupamentos. Nas palavras de Koury (2005: 239), como objeto analítico as emoções podem ser definidas “como uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causados pela interação com outros em um contexto e situação social e cultural determinados”. O ponto de partida das ciências sociais das emoções segue o princípio de que “as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade”. Do ponto de vista de sua base de análise, “vai além do que um ator social sente em certas circunstâncias ou com relação às histórias de vida estritamente pessoal” (Koury, 2005: 239). É relevante destacar, entretanto, que sejam vocábulos entrecruzados de modo estreito: “emoções” e “sentimentos” não devem ser tratados como sinônimos. António Damásio (2012), estudioso que tem se dedicado ao tema do ponto de vista da neurociência, por exemplo, argumenta que “todas as emoções originam sentimentos, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções” (DAMÁSIO, 2012: 138).

Partimos, portanto, da problemática mais ampla sobre as emoções, por meio de um recorte temático, para o desenvolvimento da análise de interpretações que, de algum modo, as consideraram como significativas do processo de formação do Brasil, a considerar seu “caráter nacional” e a dimensão da etnia. A subárea do pensamento social brasileiro consolidou-se enquanto campo autônomo de investigação, ainda que venha a ser caracterizada por sua amplitude, uma vez que a própria noção de “pensamento social” assume uma faceta multidisciplinar, tendo em vista o fato de abranger as três disciplinas centrais das ciências sociais (antropologia, ciência política e sociologia), além de outras como a história, a literatura ou a filosofia política, para citar as mais constantes (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011).

A subárea da sociologia das emoções, por seu turno, tem sido apresentada como um campo de estudos sistematizado mais recentemente e que, paulatinamente, vem se consolidando no Brasil, porém ainda sem uma projeção comparável à do pensamento social brasileiro. Maria Cláudia Coelho e Cláudia Barcellos Rezende (2011) realizaram

um mapeamento do campo da “antropologia das emoções” partindo do pensamento clássico. Identificam, portanto, na obra de sociólogos, como Émile Durkheim (1858-1917) e George Simmel (1858-1918) e antropólogos, como Marcel Mauss (1872-1950), Ruth Benedict (1887-1948) e Alfred R. Radcliffe-Brown (1881-1955) uma contribuição do tema das emoções como objeto de interesse científico para as Ciências Sociais. Porém, trata-se de um momento em que o campo autônomo das “ciências sociais das emoções” ainda não havia se constituído, a partir de uma preocupação teórico-metodológica focada em “fatores sociais que influenciam a esfera emocional, como se conformam e até onde vai esta influência” (Koury, 2005: 38). Coelho e Rezende se direcionaram, por outro lado, ao surgimento e configuração mais específica do campo a partir da década de 1970, nos EUA, e para a própria consolidação da subdisciplina no Brasil, que teve seu marco inicial na década de 1990. No plano internacional, cabe citar esforços de sistematização como os de Catherine Lutz e Geoffrey M. White (1986) e Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990), comentados também por Coelho e Rezende (2011)ⁱⁱ.

Com relação ao contexto brasileiro, em consonância com Coelho e Rezende, é justo citar algumas contribuições pioneiras, dentre as quais se destacam a criação, em 2002, de uma publicação virtual, a *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, editada por Mauro Guilherme Pinheiro Koury, da Universidade Federal da Paraíba e outras formas de institucionalização como grupos de trabalho na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) e a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), além da criação do Núcleo de Antropologia das Emoções no Rio de Janeiro, envolvendo alunos da graduação e pós-graduação (COELHO; REZENDE: 2011: 18-19).

O ponto central de nossa reflexão parte do olhar sobre as emoções e os sentimentos como fenômenos identificáveis em determinadas interpretações sobre o Brasil. Assim, compreendemos que as emoções e os sentimentos podem ser tomados como relevantes recortes que emergem frequentemente em tais interpretações, ainda que tenham sido apresentadas de modo difuso e sem a intenção primordial de se configurarem como categorial central de análise. Não temos, entretanto, a pretensão de tomá-las como uma configuração de um campo específico de investigação no sentido de que os intérpretes do Brasil, por nós elencados, inauguraram na seara das Ciências Sociais uma “sociologia das emoções”. Por outro lado, ao entendermos a constituição das emoções como campo autônomo (uma subdisciplina) que se configura na sociologia contemporânea, buscamos, verificar a produção contemporânea das ciências sociais para a questão em tela, ao passo que propomos a investigação da existência [ou não] de um diálogo entre os estudos

inseridos no campo de conhecimento da sociologia das emoções com o pensamento sociológico brasileiro clássico.

O viés das emoções como fonte interpretativa do Brasil

Evelin Gerda Lindner (2013), médica, psicóloga, pesquisadora transdisciplinar e autora que vem desenvolvendo uma Teoria da Humilhação, assinalou que os estudos sobre as emoções, de um modo geral, “se concentram em afeto, sentimento, emoções, roteiro, caráter e personalidade, enquanto os maiores contextos culturais e uma análise de períodos históricos na história humana são menos enfatizados” (LINDNER, 2013: 854). Ao constatar a dificuldade de se obter um diálogo com outras áreas acadêmicas e outras esferas culturais, propôs inverter a abordagem usual das pesquisas sobre as emoções partindo “dos maiores contextos culturais, moldados ao longo da história humana”, que em seu processo de investigação “são usados como lentes para compreender as emoções e o conflito”, na tentativa não de “negar a importância da investigação sobre afeto, sentimento, emoções, projeto, caráter e personalidade”, mas sim com o intento de expandi-la (LINDNER, 2013: 854).

Seguindo esta lógica de abordagem, nossa argumentação se direciona para o contexto geral sobre o Brasil, a fim de analisar as construções interpretativas acerca da formação da nacionalidade e do contexto cultural, calcadas nas esferas das emoções e dos sentimentos. Mauro Koury (2005), por exemplo, destacou as emoções como categoria de análise exposta em estudos dos nossos intérpretes clássicos, tais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roger Bastide, Oracy Nogueira e em autores mais contemporâneos, como Roberto DaMatta, Gilberto Velho e Luiz Fernando Dias Duarte. Concordamos com esta visão de Koury, que nos ilumina no sentido de conduzir nossas reflexões calcadas na produção ensaística sobre algumas das mais proeminentes interpretações do Brasil, nas décadas de 1920 e 1930. Acrescentamos, também, outras interpretações que julgamos relevantes e que, nas décadas posteriores, efetivaram estudos focados nas dimensões de classe e/ou raça levando também em conta a esfera emocional.

O estudo de Dante Moreira Leite (1992), sobre o caráter nacional brasileiro, é resultado de sua tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, em 1954. Trata-se de uma obra de psicologia social que, na sua publicação em livro, apresentou modificações substantivas em relação à sua tese inicial (LEITE, 1992: 7). Nas palavras registradas por Alfredo Bosi (in: LEITE, 1992: 8), na introdução do referido estudo, Leite realiza uma “tenaz perseguição de uma imagem do Brasil que a nossa cultura letrada vem empregando

desde os tempos coloniais”. Bosi complementa seu raciocínio mencionando que “*O caráter nacional brasileiro* dá o roteiro claro e honesto dos modos pelos quais se reiterou a pergunta sempre irrespondida ou mal respondida: afinal, o que somos nós, brasileiros?”. Referimo-nos à tese de Dante Moreira Leite por considerá-la um esforço reflexivo e analítico daquilo que o autor considerou como a história de uma ideologia sobre a construção de nosso caráter. Desse modo, debruçou-se, pioneiramente, sobre as raízes do nosso caráter esmiuçando aqueles autores, de diferentes épocas, que conquistaram posições de destaque no campo do pensamento social brasileiro. Da fase colonial, passando pelo romantismo, pelo realismo, pelo modernismo até culminar numa fase de “superação das ideologias”, Leite destaca, nos campos da literatura e da produção ensaística de cunho filosófico, histórico e sociológico, desde a carta de Pero Vaz de Caminha, passando pelas descrições poéticas de Bento Teixeira, Manuel B. de Oliveira à crítica social de Gregório de Matos, o cientificismo de Sílvio Romero no século XIX, a literatura regionalista no pré-modernismo, a contribuição de Euclides da Cunha, as perspectivas de traços racistas presentes em autores como Nina Rodrigues e Oliveira Vianna, as leituras de Manuel Bonfim, Alfredo Ellis Júnior e de autores que aqui contemplaremos, como Paulo Prado, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Entendemos a relevância do estudo de Dante Moreira Leite no sentido de desvelar os preconceitos e estereótipos latentes nas perspectivas sobre o caráter nacional que culminam em descrições de caráter ideológico sobre as características psicológicas atribuídas ao brasileiro. Ao desenvolver seu estudo, Leite se mostra atento às emoções e sentimentos nas construções de tais caracterizações psicossociais do brasileiro. Não centraremos aqui no debate teórico de Leite com os autores por ele citados, mesmo no caso daqueles aos quais fundamentamos nossas referências básicas, como Paulo Prado, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Interessa-nos, em convergência com a tese mais geral de Leite, apontar para a crítica que encerra ao menos nos autores supracitados na efetivação de generalizações que incorrem em construções estereotipadas sobre nossa configuração enquanto “brasileiros”, além de destacar tais configurações como produzidas pelo viés das emoções.

Em relação aos ensaios clássicos de interpretações sobre o Brasil, começamos por Paulo Prado (1997) que em *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* inicia sua redação com a seguinte descrição: “Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram” (PRADO, 1997: 53). A constituição do “caráter do brasileiro”, em sua interpretação, se efetivara

pela combinação entre a “luxúria”, a “cobiça”, a “tristeza” e o “romantismo”, conforme intitula os capítulos que compõem a obra, que conta ainda com um *post-scriptum*. A atmosfera em que o habitante da colônia, nasceu, viveu e proliferou é pintada por Paulo Prado como um “quadro impressionista” (PRADO, 1997: 185). Desse modo, o colono foi visto como aquele que carregava uma propensão à melancolia, marcada pelas frustrações advindas de dois pecados capitais básicos: a luxúria e cobiça. Como consequência, a frustração pela impossibilidade de atingir a riqueza almejada. O retrato do Brasil espelha o “véu da tristeza [que] se estende por todo o país, em todas as latitudes, apesar do esplendor da Natureza, desde o caboclo, tão mestiçado de índio da bacia amazônica e dos sertões calcinados do Nordeste, até a impassibilidade soturna e amuada do paulista e do mineiro” (PRADO, 1928: 143).

É importante contextualizar o momento de emergência da referida obra e situar seu autor a partir de elementos biográficos que nos permitam compreender melhor a problematização central por ele aventada e suas trilhas interpretativas. Nos termos de Marco Aurélio Nogueira (1999), Paulo Prado foi “um paulistano de corte aristocrático, nascido em 1869, primeiro filho do conselheiro Antônio Prado, integrante de tradicional família de cafeicultores” (NOGUEIRA, 1999: 193). Foi sobremaneira de considerável importância a sua participação na Semana de Arte Moderna, em 1922, realizada em São Paulo, tendo em vista que exerceu papel de criador e organizador desse histórico eventoⁱⁱⁱ. A primeira edição de *Retrato do Brasil* foi publicada em novembro de 1928 e, segundo relata Carlos Augusto Calil, o organizador da 8ª. edição (1997),

Paulo Prado havia hesitado em publicá-lo, antecipando a reação que o livro provocaria – e de fato provocou – junto aos ufanistas. A tiragem se esgotou em pouco tempo. Em janeiro do ano seguinte, o Departamento Nacional de ensino escolhia o Retrato do Brasil para ser traduzido, nos termos da convenção da Liga das Nações, e distribuído entre os países estrangeiros. O “Juca Pato”, da Folha da Noite, de São Paulo, embora reconhecesse que “a obra é admiravelmente escrita”, protestava, pois essa não correspondia à melhor propaganda que se poderia fazer do país (CALIL, 2009: 139).

Estamos a tratar, portanto, de um autor de origem burguesa que efetivou uma interpretação do Brasil num momento em que o país ainda não havia completado quarenta anos de proclamação da República. Consideramos, para efeito de nossa análise, que São

Paulo, em 1928, vivenciava um momento histórico relevante em seu processo de urbanização, modernização e de efervescência cultural.

A interpretação do Brasil, em Paulo Prado, está registrada pela atenção e avaliação dada aos aspectos mais negativos possíveis no transcurso da sua história. À luz de cargas sentimentais predominantes e combinadas - a luxúria, a cobiça, a tristeza e o romantismo - que se configuram como seus significativos emblemas, o Brasil recebe tal “retrato impressionista” por meio de um olhar marcado por forte pessimismo. Partindo de uma história construída sob as marcas indeléveis da colonização e da escravidão, em que pese todo o pessimismo de Paulo Prado, encontramos ainda no *post-scriptum* algum indício de olhar mais alentador sobre o futuro do Brasil, que se não oferece respostas claras e precisas para as possibilidades de “reinvenção” do país, ao menos aventa a possibilidade de se despertar do seu “sono colonial”. Paulo Prado (1997: 208) recorre à imagem metafórica do “sono colonial” para afirmar sua argumentação acerca de um Brasil que “ainda acredita no embalo dos discursadores, nas teorias dos doutrinários e na enganadora segurança dos que monopolizaram, pela fraqueza dos indecisos, as posições de domínios e proveitos”.

Em linhas gerais, a leitura de Paulo Prado versa sobre sentimentos e emoções que se encontram, em seu ponto de vista, arraigados no Brasil, ao destacar o caráter ambicioso da colonização, evidenciando o deslumbramento dos portugueses no contato com a terra colonizada. Tal retrato do colonizador é pintado de modo a carregar em suas tintas o domínio de “dois sentimentos tirânicos: sensualismo e paixão do ouro” (PRADO, 1997: 139). Assim, a luxúria e a cobiça imperam como sentimentos que movem a história do Brasil, num processo de “desenvolvimento desordenado dessas obsessões subjucando o espírito e o corpo de suas vítimas” (PRADO, 1997: 139).

Diversos estudiosos se dedicaram a análises de *Retrato do Brasil*^{iv}, portanto não será nossa intenção debruçarmos sobre a mesma em pormenores, senão registrar por meio da interpretação de Paulo Prado, as emoções e sentimentos como princípios (des)norteadores da história do Brasil. Pesa sobre o autor um caráter determinista, tendo em vista que compreendeu a ausência de ideal como provocadora da melancolia, geradora de uma “raça triste”, bem como ordens diversas de aspectos eivados de preconceitos, como aqueles que identificamos em algumas passagens da obra que revelam atributos típicos dos brasileiros: a perversão erótica; a “passividade infantil da negra africana”; o comportamento “instintivo” dos bandeirantes exploradores; a inscrição da tristeza como fundamento central do romantismo literário, etc. Temos, portanto, no ensaio clássico de

Paulo Prado um exemplo de como as emoções e os sentimentos se configuram como processos de formação da nação brasileira.

Gilberto Freyre, por sua vez, em sua “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”, composta pela trilogia *Casa-grande & senzala* ([1933] 2006); *Sobrados e mucambos* ([1936] 2003) e *Ordem e Progresso* ([1959] 2004), aborda a dimensão das emoções e dos sentimentos ao tratar de questões relativas ao plano geral dos afetos no que diz respeito à família brasileira, à própria constituição do patriarcado rural no Brasil, à sexualidade e moral sexual, ao sadismo e violência de ordens diversas. Identificando as três raças formadoras do Brasil (negros, portugueses e índios), Freyre vale-se de uma ideia relativa a uma carga de sentimento padrão, definidora de cada um desses elementos, a exemplo do que descreve sobre o negro como tendo sido “quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria”, sobre o português como “já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho” ou sobre o caboclo como “calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa” (FREYRE, 2006: 551). Temos, pois, particularmente em *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 2006) relatos sobre: o sadismo como característica brasileira (p. 462) e suas manifestações entre os senhores e senhoras (p. 421), a vida sentimental das sinhazinhas (p. 421-422), o banzo (p. 553), as relações sentimentais com a ama negra (p. 414-415), o caráter português modificado pelo contato com a África (p. 66), a afeição entre mucamas e nhonhês brancos (p. 437), as mucamas e o seu prestígio na vida sentimental das sinhazinhas (p. 423-424), a imagem melancólica do português (p. 551).

Em *Sobrados e mucambos*, Freyre (2003) retoma os temas do sadismo (p. 180) e do banzo (p. 548). Também aborda sobre aspectos das emoções e dos sentimentos relatados em considerações que desenvolve sobre o maternalismo (p. 754) e paternalismo (p. 477-481), a “denguice” do mulato (p. 743), o hábito do cafuné (p. 597-600), a “simpatia brasileira” (p. 742-743), a influência amolecedora da mulher sobre o brasileiro (p. 230). Por fim, em *Ordem e Progresso* (2004) se dedica, no plano das emoções e dos sentimentos, a abordagens relativas a temas como a saudade e nostalgia do passado (p. 50-51), as modinhas como fontes de idealização e exaltação das mulheres morenas e mulatas (p. 184, p. 321) e como tendência para o individualismo romântico (p. 321-322) e a cordialidade intranacional (p. 879).

Ainda que possamos considerar a contribuição de Gilberto Freyre para desmitificar um caráter determinista, muito presente em interpretações que viam o processo de miscigenação brasileiro como um fator negativo e responsável pelo “atraso” do país - a

exemplo de autores como Oliveira Vianna, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues^v -, há que se considerar, também, que sua argumentação ao preconizar generalizações de padrões de sentimentos distintos atribuídos a diferentes grupos raciais, incorre num mesmo risco determinista: a alegria da raça negra, a tristeza do português, a introspecção do índio.

Em *Raízes do Brasil*, de 1936, Sérgio Buarque de Holanda (2016) apresenta a polêmica noção de “homem cordial”, a partir da qual argumenta sobre o princípio da cordialidade como “a contribuição brasileira para a civilização”: “a lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro...” (HOLANDA, 2016: 254). Afirma Sérgio Buarque que “seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’ ou civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (HOLANDA, 2016: 254). Um dos princípios básicos na interpretação do Brasil realizada por Sérgio Buarque se assenta na perspectiva comparativa com outras civilizações, permitindo-lhe ressaltar como um dos elementos da “autenticidade” brasileira a “cordialidade”, sobre a qual argumenta:

Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário de polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções (HOLANDA, 2016: 255).

Encontramos logo no capítulo inicial desta obra o argumento sobre o desenvolvimento de uma cultura personalista como peculiar do mundo ibérico, o que difere esta região do restante da Europa: “É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais” (HOLANDA, 2016: 41).

A perspectiva sobre o caráter personalista como traço marcante do “brasileiro” deve-se à herança da colonização ibérica. Daí a institucionalização de uma cultura personalista como elemento determinante de nossa resistência ao rigor hierárquico na estrutura social, resultando na fragilidade e dificuldades das formas de associação de coesão e de

solidariedade social, reforçando a frágil capacidade de organização social, na desigualdade e na apologia a princípios meritocráticos calcados na riqueza e em virtudes pessoais.

Sérgio Buarque considera a família patriarcal como o elemento social por meio do qual personalismo e espírito aventureiro dos colonizadores portugueses se tornaram elementos adaptativos possíveis no trópico. Com isso, tornou-se o emblema marcante da sociedade como um todo. Consequentemente configurou-se no Brasil um modelo predominante de relações gestado na vida privada e caracterizado por princípios de valorização de laços afetivos, emocionais, sentimentais e de parentesco que, por sua vez, irá afetar até mesmo a administração pública como em outras áreas da nossa vida cultural. Eis, portanto, a ideia de “cordialidade” como modo de reconstrução no plano social de um tipo de sociabilidade calcada no modelo patriarcal. Uma sociabilidade atrelada aos laços comunitários, caracterizada pela busca de uma intimidade no tratamento dispensado à autoridade, pela “aversão aos ritualismos” que acaba por impactar até mesmo os negócios e a própria construção de uma linguagem que pressupõem certa docilidade, a exemplo do emprego corriqueira do diminutivo – a exemplo do sufixo “inho” como modo de familiarização com as pessoas. “É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração” (HOLANDA, 2016: 256).

Sérgio Buarque, assim como Paulo Prado e Gilberto Freyre voltaram-se para o passado colonial do Brasil com o intuito de tentar compreender os processos de transformações políticas e sociais que vinham ocorrendo no final daqueles anos de 1920 (Primeira República) e nos anos de 1930. Coube-lhes olhar para um passado na iminência de ser superado e buscar compreender o momento presente para tentar enxergar um futuro emergente possibilitador da transição para a modernidade. Entendemos que os aspectos emocionais e sentimentais são vistos, neste sentido, como princípios antagônicos à possibilidade de construção de uma sociedade racional e moderna.

Esta reflexão nos remete à abordagem teórica de Alisson M. Jaggar (1997) que no artigo *Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista*, trata do papel das emoções na tradição filosófica ocidental seguindo um modelo dicotômico que opõe razão e emoção. A razão, por sua vez, segundo a autora, está vinculada a outras dicotomias: o mental *versus* o irracional, o cultural *versus* o natural, o universal *versus* o particular, o público *versus* o privado e o masculino *versus* o feminino. O século XVII, que marca a emergência da ciência moderna, com a separação das esferas da natureza e dos valores, toma a razão como puramente instrumental. Desse modo, Jaggar chama atenção para o

momento da emergência da ciência moderna como estimulante da necessidade de controle das emoções pela razão, tendo em vista que “as emoções forneciam uma indispensável força motriz que deveria ser adequadamente canalizada” (JAGGAR, 1997: 157). Entretanto, a epistemologia moderna coloca em dúvida a emoção como fonte confiável do conhecimento. Neste sentido, entendemos que os autores clássicos que pintaram seus retratos acerca do caráter nacional brasileiro, tomaram as emoções e sentimentos como fatores psicossociais determinantes do caráter, da autenticidade enquanto “povo”, das fragilidades institucionais e, conseqüentemente, do “atraso” brasileiro.

Porém, a análise de Alisson M. Jaggar avança em relação à perspectiva da ciência moderna tendo em vista que, em sua leitura, abordagens epistemológicas recentes partem da contestação de algumas suposições fundamentais do modelo positivista. Em seu ensaio esta autora sugere, que “as emoções podem ser úteis e mesmo necessárias ao invés de prejudiciais à construção do conhecimento” (JAGGAR, 1997 p. 159). Jaggar, neste sentido irá discorrer sobre a emoção na perspectiva feminista. Interessa-lhe uma abordagem do ponto de vista epistemológico, apontando para a crítica à suposta neutralidade científica como atributo da ciência moderna.

Do ponto de vista teórico esta discussão nos interessa como ponto de reflexão crítica às perspectivas dicotômicas que opõem razão e emoção como polos opostos. De algum modo entendemos que nos ensaios clássicos de interpretações sobre o Brasil, ao menos nos três autores que desenvolvemos até o momento, os aspectos emocionais e sentimentais determinantes do caráter nacional vão de encontro com a possibilidade de efetivação de uma sociedade moderna. Cremos que tal argumentação está mais patente em Sérgio Buarque de Holanda, mas podemos também considera-la em Paulo Prado, a partir de sua crítica valorativa às ambições desmesuradas da colonização que culminaram no retardo de nossa modernidade e em Gilberto Freyre, se levarmos em conta sua ênfase na forte tradição da sociedade patriarcal e da família como elemento básico de nossa formação.

Autores de gerações posteriores despertaram suas atenções para aspectos emocionais, tais como Luiz de Aguiar Costa Pinto (1980), que em *Lutas de Famílias no Brasil* penetrou no campo das emoções e dos sentimentos para compreender, dentro de um universo temporal particular do estágio evolutivo na esfera do Direito, um relevante fenômeno da formação social do país. Esse processo de desequilíbrio, que ocorreu em momentos variados de nossa formação, resultou na força da organização familiar em

detrimento da fraqueza da nossa instituição política. Neste estudo empírico sobre as lutas de família no Brasil, Costa Pinto parte da tese da vingança privada como forma de controle social e de repressão ao delito. Dessa maneira, questões relativas à honra, por exemplo, são “resolvidas” fundamentadas na violência (a vingança) como mecanismo de solidariedade privada. Portanto, a leitura de Costa Pinto considera a vingança privada, naquela região que irá investigar, como uma forma de controle social, um modo de coesão social.

O tema das relações entre o privado e o público no período colonial também está presente no estudo de Costa Pinto. Sua análise versa sobre as lutas travadas entre Camargos e Pires, no século XVII, na capitania de São Vicente e entre Montes e Feitosas, no século XVIII, nos sertões do Ceará. Neste sentido, aponta para o que denomina por “sociedades de parentes” como paradigma alternativo, mas também de convivência com as regras do poder público colonial. Embora se tratem de dois modelos sociais distintos – público e privado – ambas efetivavam um ordenamento específico. Uma das bases argumentativas de Costa Pinto se encerra na tese de que o poder privado da família não detinha mera e simplesmente o poder por si, tendo em vista que ordinariamente teria que se deparar com o poder público.

Se há uma aproximação temática de Costa Pinto com Sérgio Buarque, no que diz respeito ao interesse sobre a relação entre as esferas pública e privada, a perspectiva analítica deste primeiro apresenta uma originalidade em relação ao segundo no sentido em que irá, por meio de seu estudo de caso, compreender a vingança privada não como um princípio patológico, nem mesmo como mera atitude irracional. Daí sua compreensão de “sociedade de parentes” como modo de controle social. A dimensão da emoção está aqui presente nas contendas entre as famílias pesquisadas, seja como elemento vinculado às questões de defesa do princípio da honra masculina, seja em situação de adultério, conforme descreve o autor acerca do caso de um adultério acometido por uma senhora da família Camargo, gerando situações de animosidade contra a família dos Pires que se alastraram por muitos anos, culminando em casos de morte. Ainda que esteja tratando de vingança privada, Costa Pinto irá reconhecer, acima de tudo, o seu caráter coletivo tendo em vista que tais contendas se pautam em benefício do suporte reconhecido como possível em nome da manutenção da honra daqueles que se sentissem ultrajados. Reconhece-se o princípio coletivo da vingança privada pelo próprio entendimento da ofensa como sendo, também, uma atribuição coletiva. Desse modo, não bastava castigar o infrator, conforme atesta Costa Pinto, “o vingador não procura abater necessariamente o autor do delito que

se vinga, mas toda a família adversária” (COSTA PINTO, 1980: 21). Consequentemente o recurso das lutas, em princípio entre duas famílias, resulta no envolvimento de outras famílias num processo contínuo de rearranjos das relações sociais de todo o conjunto social, isto é de toda a comunidade envolvida.

Aspectos relativos às emoções e aos sentimentos são, portanto, tratados por Costa Pinto em sua abordagem sobre as lutas familiares como dimensões que se configuram de modo racional e no âmbito de um ordenamento social calcado por princípios de defesa da honra e de segurança da manutenção de valores morais tradicionais. Neste sentido, compreendemos que este estudo é relevante para se pensar na contribuição clássica acerca do desenvolvimento do campo de conhecimento da sociologia das emoções que iria se configurar de modo mais estrito algumas décadas depois no Brasil.

Emoções, sentimentos e relações raciais no Brasil.

O tema das relações raciais no Brasil tem sido fartamente explorado, em distintos pontos de vistas, por muitos dos nossos intérpretes gerando, consequentemente, consideráveis polêmicas. As fontes científicas hegemônicas no período da transição do século XIX para o seguinte apregoavam princípios hierarquizantes entre raças consideradas superiores (brancas) e inferiores (não brancas). Sem entrar em seus pormenores e particularidades, estudos como o de Thomas Skidmore (1976) e o de Lília Schwarcz (1993), enfrentaram o tema espinhoso no âmbito do pensamento social brasileiro, ressaltando a incorporação de teorias de base fundamentalmente racistas nas reflexões sobre as relações raciais no Brasil. Skidmore se esforçou no sentido de analisar os discursos da *intelligentsia* nacional, fortemente influenciados por modelos europeus de análise, assimilando de modo acrítico tais teorias racistas, então hegemônicas, que sustentavam a inferioridade do negro e sentenciavam a mestiçagem como fonte de explicação para o “atraso” da nação. A perspectiva de “branqueamento” torna-se uma possível solução apresentando a imigração europeia como um estímulo a esse processo. Skidmore observa que, em momento posterior, tais ideias deterministas cederam espaço para novas reflexões que passaram a enfatizar aspectos positivos da miscigenação e, em outra mão, culminaram na produção de certo consenso sobre a “democracia racial” no país. Gilberto Freyre, com *Casa-grande & senzala*, adotando uma perspectiva culturalista em detrimento da noção de raça, torna-se uma referência deste movimento voltado para a positividade da miscigenação. Lília Schwarcz (1993), por sua vez, dedicou-se ao tema abordando o “espetáculo da miscigenação” no Brasil no período entre 1870 a 1930,

reconhecendo a complexidade da questão racial e seus dilemas do ponto de vista dos cientistas e nos espaços institucionais. Para tanto, a autora procura abordar o modo como o argumento racial foi científica e politicamente construído, bem como o conceito “raça” que, para além de sua definição biológica, passa a receber uma interpretação, sobretudo, social (SCHWARCZ, 1993).

Tomamos aqui a questão racial por considera-la como mote presente nos autores clássicos que abordamos até o momento. Portanto, atentamos para duas visões sobre a problemática racial oriundas de autores de identidade negra, a saber: Alberto Guerreiro Ramos (1995) e Virgínia Leone Bicudo (2010). Ambos produziram no contexto das décadas de 1940 e de 1950 e possivelmente por sua imersão no tema enquanto negros puderam atentar para questões relativas à negritude no Brasil considerando a relevância e reconhecimento da ancestralidade e de sua valorização como elemento de base emocional. Questões sobre a autoestima dos negros estiveram presentes nas abordagens de Ramos e de Bicudo.

Longe de se esgotar a gama de perspectivas sobre as emoções no pensamento social brasileiro, cabe lembrar que tanto Virgínia Leone Bicudo quanto Guerreiro Ramos, não por acaso de identidades negra, se mantiveram atentos para questões lançando a ela novos olhares. Nesse sentido, a humilhação política (GONÇALVES FILHO, 2007) sofrida por parte da população negra com a violência em suas dimensões materiais e simbólicas acaba por se desdobrar num processo de *humilhação social de trajetória histórica* e é com base nesse aspecto negativo da negritude brasileira que esteve calcada por todo esse tempo a dinâmica emocional de suas vivências. Tal *alienação estética do negro* e da negra, identificada na dinâmica social da população afro-brasileira, não somente é causa em função da qual também ocorre uma *alienação emocional* dessa população, mas também se faz consequência de um contexto de *silenciamento, controle e apagamento* (BARTH, 2005) no qual a estrutura do racismo insere a vivência negra. Essa sistemática, por sua vez, politiza as pessoas de cor desde muito cedo, a ponto de aniquilar qualquer caráter inconsciente da infância negra, por exemplo. É importante endereçar a conscientização dessa politização, por outro lado, como forma de barrar essa sistemática e tal é a razão sobre a qual nosso argumento urge, mas não somente. A aniquilação do caráter inconsciente da infância negra é um dos fatores que justificam o esforço de debruçar-se sobre a instituição familiar, em especial a negra, a fim de compreender as complexidades causais que implicam no âmbito sociológico das emoções um impasse social e individual componente da negritude brasileira. Outros fatores que decorrem desse sistema de

silenciamento, controle e apagamento da vivência negra também se relacionam com a *alienação emocional* dessa população, como exemplo, a evasão escolar da juventude negra, seu genocídio e também seu encarceramento em massa.

Alberto Guerreiro Ramos (1995) tange nessa questão quando compreende a alienação étnica como parte de uma “patologia social do branco brasileiro”. Principalmente nas regiões Norte e Nordeste, o branco brasileiro tende a manifestar um protesto contra suas condições étnicas objetivas. Em verdade, esse desequilíbrio de auto-estimação pode ser observado entre brancos e negros e por isso configura um cenário social patológico como um todo no que diz respeito às relações raciais no Brasil. Ramos ainda aponta um aspecto interessante dessa patologia que denota que “o negro é mais negro nas regiões onde os brancos são maioria e é o mais claro nas regiões onde o branco é minoria” (RAMOS, 1995: 224). Tal paradoxo revela como o sentimento de inferioridade imposto pelas pseudojustificações da excelência da brancura atua de modo contundente na afirmação dogmática do negro. Neste sentido, a articulação do sentimento de inferioridade e degradação da estética negra está associada intrinsecamente com a dinâmica dessa patologia social do branco brasileiro.

O sentimento de inferioridade também é notado por Bicudo (2010) em seu estudo sobre atitudes raciais de pretos e “mulatos” na cidade de São Paulo nos anos de 1940. Nas esferas econômicas inferiores, pretos e “mulatos” afirmam a existência desse sentimento resultando, entre os pretos, um antagonismo com o próprio povo preto e simpatia para com o branco e, entre os “mulatos”, uma grande sensibilidade à consciência de cor fazendo-os lançar mão de alianças seja com o preto, seja com o branco como mecanismo de defesa de uma possível ridicularização. Nas esferas econômicas intermediárias, o sentimento de inferioridade em relação ao branco e antagonismo relativo ao preto faz com que os pretos dessa camada econômica se isolem socialmente e, entre os “mulatos”, a marcada sensibilidade relativa à consciência de cor leve-os a assumir atitudes raciais de traços brancos para dar vazão a este sentimento.

Guerreiro Ramos e Virgínia Leone Bicudo acertadamente pontuam a estrutura emocional da negritude no Brasil sempre muito bem assinalada com sentimentos de inferioridade, vergonha, animosidade e desconfiança. Vale ressaltar que esse padrão de degradação da autoestima negra em dinâmica endógena – entre negros – é resultante de uma cultura de silenciamento, controle e apagamento das vivências emocionais negras, dando margem a uma alienação emocional que caminha com os negros e as negras do Brasil, independente de sua classe econômica. Há certamente uma consciência de cor

acentuada por uma sensibilidade emocional patente, mas a alienação emocional citada aqui diz respeito a uma forma fixa de se enxergar, enquanto negro e negra, ainda arraigada em sentimentos impostos de inferioridade, vergonha, animosidade e desconfiança. Nos anos de 1940, a tentativa de se reverter tal situação se deu com a Associação de Negros Brasileiros^{vi} que lançou mão de uma tática que consistia em trabalhar com os próprios negros a solidariedade e união.

Pensamos a perspectiva racial em Guerreiro Ramos e Virgínia Leone Bicudo como pontuadas pela dimensão emocional tendo em vista que a sua condição de sujeitos negros os possibilitou a refletir sobre a questão rompendo com o suposto padrão de neutralidade científica.

Souza (2009) em outro momento chamara a atenção para o fato de que o posicionamento intelectual de Guerreiro Ramos, no que diz respeito às relações raciais, pode ser mais bem compreendido se buscarmos entender, também, o próprio caráter de sua sociologia, pautada por seu engajamento direcionado a uma efetiva integração do negro na vida social. A possibilidade real de tal integração possibilita a ampliação dos seus horizontes, num processo contínuo de ruptura com os limites impositivos de concepções hegemônicas, no campo das ciências sociais, que situavam os negros como mero objeto da investigação – o que denominou como “negro tema”, mas compreendendo-os como sujeitos de sua própria história denominados, por sua vez, “negro vida”. Sua militância no movimento negro torna-se um dado relevante para um firme posicionamento crítico que desenvolvera acerca dos estudos efetivados sobre as relações raciais no Brasil.

A análise da questão racial, em Guerreiro Ramos, se configura a partir da afirmação da condição de negro:

Sou negro, identifico como meu o corpo em que o meu está inserido, atribuo à sua cor a suscetibilidade de ser valorizada esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoal – eis aí toda a minha propedêutica sociológica, todo um ponto de partida para a elaboração de uma hermenêutica da situação do negro no Brasil (Ramos, 1995:199).

Em um artigo intitulado *O Negro desde dentro*^{vii} (1995), Guerreiro Ramos analisa os valores do colonizador como predominantes no Brasil. Desse modo, observa que a branquura tem sido referendada como símbolo positivo, do “belo”, do “sublime” e do “excelso”. À cor negra estão associados todos os significados pejorativos e o próprio

negro age como cidadão aculturado ou assimilado. A partir de tal constatação é que irá afirmar que “a beleza negra vale intrinsecamente e não enquanto alienada” e completa seu argumento atentando para o fato de que “não é uma reivindicação racial o que confere positividade à negrura: é uma reivindicação objetiva” (RAMOS, 1995: 244). No contexto brasileiro é corriqueira a associação da beleza negra “ao meramente popular, folclórico, ingênuo ou exótico, há um preconceito larvar, uma inconsciente recusa de aceitá-la literalmente” (*idem*: 244). Eis, entretanto um posicionamento contra a aculturação do negro, isto é, contra formas de submissão deste a um padrão de beleza europeu. Diga-se, em síntese, “branco”.

O campo literário é, também, por ele examinado, a partir de referências a poetas, muitos dos quais brancos, que abordaram a temática sobre o negro em seus poemas. Nesta produção poética específica, observa que a negritude aparece subalterna, de modo corriqueiro, muito particularmente em relação à mulher negra, que é “apresentada em termos dionisíacos e como objeto de prazer”, a exemplo de versos presentes na poética de autores como Vinícius de Moraes, Mário de Andrade, Jorge de Lima ou o cubano Nicolas Guillén.

Poucos autores, na concepção de Guerreiro Ramos, aproximaram-se mais intimamente da “visão não domesticada da beleza negra”. Este é o caso de Luiz Gama, a quem Guerreiro destaca ter antecipado “os movimentos revolucionários [...], como o Teatro Experimental do Negro e o da *negritude* dos intelectuais de formação francesa” e daqueles que tiveram a sensibilidade de perceber “a beleza negra não desfigurada pela contingência imperialista”^{viii}.

Entendemos que o olhar de Guerreiro Ramos sob este enfoque específico acerca das relações raciais no Brasil, considera a importância da construção de uma autoestima positiva como dimensão emocional e sentimental para a efetivação de olhares mais livres sobre a negritude no Brasil, como forma de escapar de uma subserviência intelectual que se reveste de um olhar essencializante sobre a negritude como “tema” e não como “vida”.

Considerações finais

O mosaico que aqui construímos sobre algumas interpretações do Brasil, valendo-nos de um recorte interpretativo que considera as dimensões emocionais e sentimentais como elementos propiciadores da construção de uma identidade nacional ou do “caráter nacional brasileiro”, emerge como possibilidade de articulação entre dois campos específicos de conhecimento no âmbito das ciências sociais: a sociologia das emoções e

o pensamento social brasileiro. Nosso ponto de partida toma o argumento de que a subárea do pensamento social brasileiro pode ser identificada como uma das gêneses para o processo de constituição do campo autônomo de conhecimento que hoje se intitula por Sociologia das Emoções. Este campo é multidisciplinar, pois prescindiu e prescinde de diálogos com outras áreas disciplinares específicas como a Antropologia, a Psicologia Social e o próprio campo da Neurociência, para citarmos alguns exemplos.

Ao considerarmos as interpretações sobre o Brasil elencadas ao longo do texto, identificamos que estas apresentam abordagens relativas às dimensões das emoções e dos sentimentos. Identificamos que tais leituras interpretativas sobre o Brasil, a despeito das diferenças entre as teses centrais que mobilizaram seus autores específicos, se manifestaram pelo entendimento das emoções e sentimentos como possibilidade de compreensão do plano macrossocial. Isto é, as emoções e sentimentos são tônicas centrais de conformação de uma identidade forjada no contexto sociocultural brasileiro. Destacamos, dessa maneira, elementos de ordenamentos emocional e sentimental, que se fizeram presentes, nas décadas de 1920 a 1940, nas leituras realizadas sobre o Brasil – cordialidade, tristeza, luxúria, melancolia etc. Emoções e sentimentos não foram, portanto, dados ignorados pelos esforços de interpretação do Brasil. Tendo como referências as produções teóricas de Guerreiro Ramos e de Virgínia Leone Bicudo, pudemos compreender a importância das emoções como elementos significativos para as construções das subjetivações. No caso de ambos, destacamos o reconhecimento da importância de superação do racismo estrutural, tão fortemente presente no universo sociocultural brasileiro, por meio da subversão de valores colonialistas predominantes, por exemplo, na construção de uma ideologia do branqueamento e da forte valorização estética do modelo branco em detrimento da negritude.

Para pensarmos sobre o quadro teórico geral do campo da sociologia das emoções na contemporaneidade, podemos entender que este se constituiu justamente pelo reconhecimento das emoções e sentimentos como produtos de bases sociais, seja em termos de análises macro ou microssociais. Porém, cabe ressaltar que os retratos do Brasil, pintados pelos intérpretes clássicos, não podem ser identificados como estudos específicos do campo mais autônomo da sociologia das emoções, pois estas dimensões se encontram, na verdade, difusas em tais interpretações e não foram constituídas como o propósito central de tais estudos. Concluimos, desse modo, que os ensaios canônicos de interpretações do Brasil, elencados em nossas reflexões, ainda que não sejam configurados na área específica das ciências sociais das emoções trazem contribuições

para a reflexão sobre este campo. Estão, entretanto, propensos a serem identificados como contribuições relevantes a uma arqueologia de um saber relativo ao campo da “sociologia das emoções” no Brasil.

Agradecimentos

À Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - pela concessão da Bolsa de Iniciação Científica à discente Mariana Gonçalves.

Notas

ⁱ As datas das obras assinaladas nos dois parágrafos iniciais se referem aos respectivos anos do seu lançamento original. Doravante destacaremos as datas das edições consultadas para a elaboração do presente artigo.

ⁱⁱ As autoras se referem especificamente a LUTZ, Catherine & WHITE, Geoffrey M. *The anthropology of emotions*. Annual Review of Anthropology., Palo Alto, n. 15, p. 405-436, 1986 e ABU-LUGHOD & LUTZ, Catherine. *Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life*. In: ABU-LUGHOD & LUTZ, Catherine (eds.). *Language and the Politics of Emotion*. New York: Cambridge. University Press, p. 1-23, 1990.

ⁱⁱⁱ Para maior aprofundamento sobre a relevância de Paulo Prado na Semana de Arte Moderna de 1922 sugerimos consulta ao livro *1922: a semana que não terminou*, de Marcos Augusto Gonçalves (2012).

^{iv} Consultar, por exemplo: LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro (cap. 14: Luxúria, cobiça e tristeza). São Paulo: Editora Ática, 1992 (pp. 260-267); EULALIO, Alexandre. Paulo Prado: Retrato do Brasil. In: Livro involuntário: literatura, história, matéria e memória. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993; BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado. Campinas: Papirus, 2000.

^v *Casa-grande & senzala*, para Brasília Sallum Jr., “é um livro de combate, de ruptura com as ideologias que nos inferiorizavam, de afirmação cientificamente fundada das possibilidades de engrandecimento nacional”. Brasília Sallum Jr., em sua resenha sobre o livro *Sobrados e mucambos*, irá destacar que o elemento central de *Casa-grande & senzala* “é a visão positiva, ao invés de envergonhada, da miscigenação. Com isso, Freire (*sic*) ajuda a romper a raiz de nosso complexo de inferioridade, de sermos um povo atrasado e sem futuro, em função de nossa mestiçagem racial, principalmente com os negros” (SALLUM JR, 2001).

^{vi} Virgínia Leone Bicudo se referia, na verdade, à Frente Negra Brasileira, associação existente em São Paulo entre 1931 a 1937, quando foi extinta pelo Estado Novo. Para manter o anonimato da fonte, referiu-se ao nome fictício de Associação de Negros Brasileiros. Para mais informações sobre a Frente Negra Brasileira, consultar: DOMINGUES, P. (2008). Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação* 13 (39).

^{vii} Publicado originalmente na revista *Forma*, no. 3, outubro de 1954.

^{viii} Os autores citados por Guerreiro Ramos são: Birago e David Diop e Léopoldo Sédar-Segnor (senegaleses), Gilbert Gratiant, Etienne Lero, Aimé Césaire (Martinica), Guy Tirolien e Paul Niger (Guadalupe), Léon Laleau, Jacques Roumain, Jean-F. Brière (Haiti), Jean-Joseph Rabéarivelo, Jean Rabémanjara e Flavien Ranaivo (Madagascar).

Referências

- BARTH, F. (2005), “Etnicidade e o conceito de cultura”. Niterói: Antropolítica, n. 19, pp. 15-30,
- BICUDO, V. L. (2010), *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* (Edição organizada por Marcos Chor Maio). São Paulo: Editora Sociologia e Política.
- BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. (orgs.). (2009), *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 132-143.
- CALIL, C. A. (2009). “Paulo Prado, entre tradição e modernismo”, in BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 132-143.
- COELHO, M. C.; REZENDE, C. B. (orgs.). (2011), *Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ.
- COSTA PINTO, L. de A.(1980), *Lutas de famílias no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional.
- DAMÁSIO, A. R. (2012), *O Erro de Descartes*. Emoção, Razão e Cérebro Humano. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREYRE, G. (2006), *Casa-Grande & senzala*. São Paulo: Global.
- FREYRE, G.. (2003), *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global.
- FREYRE, G. (2004), *Ordem e Progresso*. São Paulo: Global.
- GONÇALVES, M. A. (2012), *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GONÇALVES FILHO, J. M. (1998) “Humilhação social – um problema político em psicologia”. São Paulo: Revista Psicologia USP, vol. 9, No. 2, p. 11-67.
- HOLANDA, S. B. (2016) *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- JAGGAR, A. M. (1997) “Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista”, in JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Recor: Rosa dos Tempos, p. 157-185.

- KOURY, M. G. P. (2005) “A Antropologia das Emoções no Brasil”. João Pessoa: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE, v, 4, n. 12, p. 239-252.
- LEITE, D. M. (1992) *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Editora Ática.
- LINDNER, E. G. (2013) “O que são emoções?”. [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. João Pessoa: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção - RBSE, v. 12, n. 36, p. 822-845.
- NOGUEIRA, M. A. (2001) “Retrato do Brasil (resenha), in MOTA, L. D. (org.). *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*, 2. São Paulo: Editora SENAC, pp. 191-214.
- PRADO, P. (1997) *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 8ª. edição, São Paulo: Companhia das Letras.
- RAMOS, A. G. (1995) “Patologia social do “branco” brasileiro”. In: RAMOS, Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 215-240.
- RICUPERO, B. (2007) *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda casa Editorial.
- SALLUM JR., B. (2001) “Sobrados e mucambos” (resenha). In: MOTA, L. D. (org.). *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*, 2. São Paulo: Editora SENAC, pp. 327-356.
- SCHWARCZ, L. (1993) *Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
- SKIDMORE, T. (1989) *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SOUZA, M. F. de. (2009) *Guerreiro Ramos e o desenvolvimento nacional*. Belo Horizonte: Argvmentvm.